



## O ENSINO DE LACAN

**Paulo Eduardo Viana Vidal**

Universidade Federal Fluminense

### ABSTRACT

The purpose of this article is to demonstrate that we need to talk about J. Lacan's teaching and not J. Lacan's work, theory or system, because his legacy it is not a deduction of an already known knowledge, but an elaboration of knowledge in action, which present at least three phases.

**Key words:** Lacan's teaching, knowledge, psychoanalysis

Toda vez que um sujeito começa uma análise, tem o sentimento de uma estranha novidade, do caráter estranhamente novo daquilo que é o mais familiar, o mais antigo na sua vida. A prática analítica necessita dessa estranha novidade. O já sabido mata a inteligência no que mata o desejo.

Freud inventou a psicanálise no início do século passado, se apoiando em referências tomadas das ciências duras do século XIX, particularmente da Física. O ensino de Lacan procede primeiramente a um *aggiornamento*, uma renovação das referências freudianas. Isso fica claro se datarmos de 1953 o início do seu ensino, quando dá a conferência *Real, Simbólico e Imaginário* e pronuncia o famoso *Discurso de Roma*, verdadeiro manifesto, que apresenta o relatório *Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise* (1953/1966).

Diversamente de outros analistas que a ideologia do progresso levou a se intitularem pós-freudianos, Lacan inaugurou seu ensino propondo um retorno a Freud, aos fundamentos freudianos da psicanálise. Mais precisamente, Lacan se coloca a seguinte questão: quais são as condições de possibilidade da

psicanálise? Como o dispositivo analítico, o jogo da associação livre e da interpretação, pode exercer efeitos sobre o real do sintoma? A resposta de Lacan é bem conhecida : se e somente se o inconsciente está estruturado como uma linguagem. A menos que pretendamos recorrer a algum fluido mágico, ao éter, deve haver algo comum entre o sintoma e a palavra. Nesse momento inaugural do seu ensino, Lacan mostra que, como o sintoma é palavra - palavra congelada, muda - por isso e apenas por isso a palavra interpretativa pode ter efeitos sobre ele.

É uma hipótese cujo ponto de partida é a experiência analítica tomada fenomenologicamente : façamos variar essa experiência, retirar suas gorduras, restam dois corpos numa situação de fala, assimétrica embora. É certo que Freud jamais enunciou que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, mas essa objeção perde sua validade caso se demonstre que a proposição lacaniana ilumina com uma coerência inusitada a descoberta freudiana - o inconsciente - e que se revela fecunda na prática, na clínica.

É justamente o que faz Lacan nos seus primeiros seminários, nos quais se dedica a comentar, interrogar o texto, a clínica freudiana. Ora, qual analista pode ignorar hoje, ao ler *A Interpretação dos Sonhos* (1900) de Freud, as páginas de Lacan sobre o sonho da bela açougueira, sobre o desejo histórico como desejo de um desejo insatisfeito?

A segunda metade do século XX foi, para as ciências humanas e a filosofia, marcada pelo que se batizou de “linguistic turn”, a virada lingüística, a revelação de que a linguagem não é uma mera superfície entre o sujeito e as coisas, que não é o homem que faz o símbolo, mas é o símbolo que humaniza. Com a hipótese do inconsciente-linguagem, Lacan retirou a psicanálise da sua extraterritorialidade, a tornou parceira incontornável em qualquer debate contemporâneo sobre o mal-estar na civilização e seus sintomas.

Contudo, não percamos de vista que o ensino de Lacan tinha por meta a formação dos analistas e que ele aprendia de seus analisantes o que é a psicanálise. Eis o primeiro motivo para chamar de ensino seus seminários: estes consistiam numa elaboração de saber em ato e não na tranqüila e dedutiva exposição do já sabido.

O que nos leva ao segundo motivo para falar em ensino a propósito de Lacan e não por exemplo em teoria de Lacan, até porque há teorias em Lacan, mas que não fazem um sistema. Como Freud, Lacan revisava constantemente suas formulações, excedidas sempre pela experiência analítica. Falo isso depois de ler o seguinte numa carta de Freud a Ferenczi : “Não devemos fabricar teorias: elas devem cair de imprevisito na nossa casa como hóspedes que não tínhamos convidado”(1912, p. 143). Por isto, Freud chamava a psicanálise de “movimento”.

Essa defasagem entre teoria e experiência depende do fato de que o inconsciente mesmo se manifesta como uma ruptura na causalidade, uma descontinuidade, um hiato entre causa e efeito. Daí que Lacan chegue a dizer que “uma interpretação da qual se compreende os efeitos não é uma interpretação analítica” (2001, p. 473).

Uma consequência disto é que o ensino de Lacan apresenta descontinuidades, momentos de virada. Como escreve Elias Canetti, “Não há regularidade no verdadeiro saber. Quando se dá um salto no real, é de lado, como o cavalo no xadrez. O que progride de maneira retilínea e previsível é insignificante. Só é decisivo o saber sinuoso e, sobretudo, lateral”(2004, p. 210).

Se o primeiro ensino de Lacan foi dedicado à releitura de Freud e à promoção do simbólico, podemos dizer que o seminário 11, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964/79), marca um afastamento por relação a Freud e a elaboração de conceitos originais. No capítulo significativamente intitulado O Inconsciente freudiano e o nosso (ou seja, de Lacan), acompanhamos Lacan rabiscando no quadro-negro os quatro conceitos fundamentais da psicanálise - inconsciente, repetição, transferência e pulsão - para logo acrescentar dois conceitos que não são freudianos : sujeito e real.

Quais são as implicações disso? Notem que, além de adicionar dois conceitos da sua lavra, Lacan inscreve a transferência como conceito fundamental, o que não é o caso em Freud. Para este, o inconsciente tem primazia sobre a transferência, ele já está aí para ser decifrado; quanto à transferência, aparece como resistência e como repetição determinada pelo inconsciente. Para Lacan, o inconsciente não se acha fora da transferência e

implica o analista. Posicionado pelo desejo de Freud e pelo desejo de cada analista que se faz seu destinatário, a crença no inconsciente supõe uma transferência já dada, ainda que seja à obra de Freud.

O inconsciente inclui portanto o analista para Lacan, mas não a título de intérprete e sim do objeto mesmo em torno do qual o inconsciente se constrói : um objeto que escapa ao simbólico, o objeto a.

Para Freud, o inconsciente é uma hipótese forjada para dar conta de certos efeitos, das formações do inconsciente. Ora, hipótese é suposição, termo que Lacan emprega para caracterizar justamente o eixo dos fenômenos transferenciais: o sujeito suposto saber. A experiência analítica tem portanto uma estrutura de ficção, de suposição, mas nem por isso deixa de tocar num real: no seminário 11, o real pulsional.

Segundo, Jacques-Alain Miller (2002), o último ensino de Lacan coincidiria com a manipulação dos nós borromeanos nos anos setenta. Ao iniciar seu ensino, Lacan propôs uma trinca de registros - real, simbólico, imaginário - para dar conta da experiência analítica. Como vimos, no primeiro momento de seu ensino Lacan deu primazia ao simbólico sobre o imaginário e o real. Ora, tornados laços do nó borromeano, real, simbólico e imaginário deixam de ter entre si uma relação de subordinação, se tornam equivalentes, a questão passa a ser como tais registros se enodam. Afinal, o que é um sintoma, um sonho, uma neurose ou psicose senão uma tentativa de enodar coisas muito estranhas entre si? Nesta perspectiva, se trata de examinar numa formação do inconsciente não o que ela significa, mas para que ela serve.

Para entendermos melhor a novidade introduzida pela topologia do nó borromeano, observemos que o conceito de cadeia significante, tão importante no ensino de Lacan dos anos sessenta, depende de uma álgebra, das leis de composição de elementos distintos e homogêneos. É uma lógica do pertencimento. Já a topologia trabalha não com elementos de um conjunto, mas com partes de um conjunto. É uma lógica da vizinhança, da aderência, da aproximação. Convenhamos, na vida é grande a diferença entre pertencer e aderir.

Se corto um elo de uma cadeia, não necessariamente a desfaço, a menos que seja o famoso elo fraco que Lenin procurava; em contraposição, se corto um laço qualquer do nó borromeano, eu o desfaço, disperso o todo. O Um da cadeia significativa prescreve lugares de conexão, os quais são separadores; já o Um do nó é um Um de aderência, propriedade coletiva dos termos. Vejamos uma conseqüência clínica: para Lenin, o elo fraco da cadeia capitalista era a Rússia, a queda do poder czarista acarretaria aquela do sistema capitalista; na teoria primeira da psicose, o Nome-do-Pai é a viga-mestra, o elo cuja forclusão rompe a cadeia significativa, dispersa os elementos do simbólico, do imaginário, do real. Com a introdução do nó borromeano, não mais se pode dizer o mesmo: sem o Nome-do-Pai, tenho os três laços -real, simbólico e imaginário - a questão passa a ser como se nodulam e do que para tanto cada sujeito se serve ou pode se servir.

#### BIBLIOGRAFIA

Canetti, E. *Auto-de-Fé* (2004). SP: Ed. Cosac&Naify.

Freud, S. (1900/1972). *A interpretação dos sonhos*. Volumes 4 e 5 das Obras psicológicas completas. RJ: Ed. Imago.

--- (1912-14/1995). *Correspondência Sigmund Freud & Sandor Ferenczi*. Ed. Imago, RJ.

Lacan, J. (1953/1966). *Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise*. Em *Escritos*. RJ: Ed. Jorge Zahar.

--- (1964/1979). *O seminário*. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. RJ: Ed. Jorge Zahar.

--- (2001) *Autres écrits*. Paris: Ed. Seuil.

Miller, J-A (2002). *Le dernier enseignement de Lacan*. Em *Revue de La Cause Freudienne* (pp 7-35), n.º 51. Paris: Ed. ECF.